

A GRAMÁTICA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: OS EFEITOS DE SENTIDO DO DIMINUTIVO¹

Rosiveth Aparecida do Espírito Santo²

Gesto inicial

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma atividade desenvolvida numa escola da rede pública municipal em Cuiabá, no estado de Mato Grosso, como parte das atividades realizadas no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat/ Cáceres-MT. Neste artigo, queremos pavimentar um caminho que possa dar visibilidade ao trabalho com a leitura, imbricada aos saberes metalinguísticos para compreendermos os instrumentos linguísticos – gramática e dicionário -, numa perspectiva discursiva. Fundamentados teórico-metodologicamente na Análise de Discurso (AD) de linha francesa - Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil -, em articulação com a História das Ideias Linguísticas (HIL) e Semântica da Enunciação, tomamos como recorte o funcionamento do diminutivo, por meio de leituras que mobilizam a relação sujeito-aluno com a linguagem, em diferentes condições de produção sócio-históricas e a memória discursiva. Trata-se do ensino da gramática pelo funcionamento da língua e, não, a simples categorização das formas linguísticas – a gramática como instrumento de leitura para novos gestos de interpretação no espaço escolar.

Ler as gramáticas como lugares de materialização de discursos implica, sob essa perspectiva, considerá-las enquanto produtos históricos frutos de gestos de interpretação, formas materiais nas quais o linguístico, o histórico e o ideológico intervêm para fazer sentido. (COSTA, 2019, p.16).

Segundo Franceschi (2011, p.64), “Pensar sobre o diminutivo em uma perspectiva discursiva significa imaginar que seu uso coloca um sentido que não é fechado pelo autor, que não é evidente, e se constitui um lugar propício a movimentos de interpretação, a gestos de leitura.”

Nesse movimento, e a partir dessa posição, nosso trabalho possibilitou *enxergar* a leitura para além dos espaços da sala de aula e a considerar seus interlocutores em relação aos espaços sociais que estes ocupam, legitimando esses espaços como lugar onde se abriga distintas posições discursivas.

Referencial teórico-analítico

O saber gramatical, tal como concebemos e propagamos, ainda hoje, repousa no imaginário da

¹ Trabalho sob orientação de Vera Regina Martins e Silva (Professora da UNEMAT/Cáceres-MT).

² Professora da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras/Unemat/Cáceres-MT

unidade da língua, de sentidos estabilizados pelas regras do bem falar, embora sobrepujado pelos sujeitos pertencentes a grupos sociais distintos, que vão se constituindo com novos gestos de leitura e de sentidos. “Isso significa que o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas.” (AUROUX, 2014, p.70), sendo este, um processo irrevogável na evolução tecnológica da nossa língua.

Ao percorrer o caminho na história da Gramatização, num recuo no tempo, verificamos que a categoria do diminutivo nasceu com a reflexão dos gramáticos da Antiguidade, sobre as partes do discurso, passando pela polêmica, desde aquela época, sobre a posição do diminutivo no sistema flexional ou derivacional. Entretanto, havia consenso em ser o diminutivo um caso de diminuição de um protótipo, de algo primeiro.

Ao filarmos o nosso trabalho à linha teórica da AD e HIL tomamos *texto* como unidade de sentido, com relação a determinadas situações sociais, como afirma Orlandi (2012, p. 87).

O texto não pode assim ser visto como uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos de exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente).

O deslocamento da noção de *texto* e a maneira de significar a gramática e se significar por meio dela, sinaliza, entre outras coisas, desabitatar os *velhos trajes* que já foram moldados por práticas equivocadas, como a de não escutar outras possibilidades de leitura para um texto, de não levar em conta a história de leitura do aluno e do texto.

Dias (2018, p. 21) corrobora com Orlandi, ao afirmar que “significar tem um lado individual, porque precisa da elaboração das expressões de um sujeito determinado, e um lado social [...]” e que ao mobilizarmos a leitura pelo viés da gramática (diminutivo) estamos propondo “o [...] ensino de um conhecimento sobre a língua, fundamentado numa boa reflexão sobre o seu funcionamento.” (DIAS, 2007, p. 143).

Metodologia

O trabalho com o diminutivo foi significativo pois trabalhamos com palavras que circulam e constituem o universo do aluno, seja nas relações familiares, seja nas relações com os colegas de sala de aula; nas manifestações de afeto, ou como forma pejorativa, formuladas em diferentes condições. Para Orlandi (2015, p.18) “as palavras simples do nosso cotidiano já chegaram até nós, carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.” Na medida em que os enunciados se reproduziam, os sentidos produzidos foram se atualizando. Com isso, o aluno teve a possibilidade de pensar como sujeito de linguagem, significando o mundo e se significando, fazendo suas interpretações e, portanto, dando sentido ao mundo que o rodeia, às coisas que o afetam, desestabilizando o discurso do saber cristalizado da escola, instituído como verdade única. “[...] todos os sentidos são de

direito sentidos possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido sem por isso se perder a relação com os outros (implícitos).” (ORLANDI, 2012, p. 26).

Nesse entremeio, entre seguir o curso do rio ou se *arrefecer* nas margens silenciosas das palavras, realizamos a ciranda de diálogos, contação de história, reescrita e exposição dos textos e para trabalhar a formação do diminutivo – com acréscimos de sufixos, na medida em que refletíamos como esses dizeres se inscrevem na memória discursiva da comunidade local e como produzem seus efeitos.

Propusemos aos alunos, a construção de seus textos, sem que estes, fossem delimitados por gêneros textuais, pois trabalhamos o texto como uma rede de sentidos que não são evidentes em sua linearidade, mas que são construídos a partir de outros sentidos, de outras histórias. Para Orlandi, “o autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação” (1996, p.75), e nessa possibilidade de equívocos e da opacidade da língua, as palavras não estão presas às coisas, logo são *pistas* para produção de sentidos.

Nesse movimento, exercitamos uma *escuta* atenta no sentido de reconhecemos as diferentes leituras/interpretações que foram acontecendo. Os efeitos produzidos, dentro e fora da sala de aula, constituíram uma explosão de vozes - antes não ouvidas - de histórias, de percepções, manifestações espontâneas, da interpretação e no momento da tessitura dos textos. Foi interessante para o aluno *enxergar* o diminutivo em funcionamento e como esta noção é apresentada nos instrumentos linguísticos – gramática e dicionário -, ao tempo em que estabeleciam a relação com a exterioridade.

Apresentamos a seguir, uma atividade desenvolvida como gesto de finalização do trabalho sobre o uso do diminutivo, evidenciando a função-autor, no espaço da escola. Elegemos um texto produzido por uma aluna, sobre o qual faremos uma breve análise.

No início dessa experiência e já afetados pela condição de autores, trabalhamos, com a possibilidade da escrita de um livro. Nesse *vai e vem*, as ideias foram surgindo sobre o que cada um gostaria de escrever. A tessitura dos textos se deu num processo longo, entre dicionários, gramáticas, rabiscos e desânimos, especialmente quando enfatizamos a responsabilidade com a correção e clareza do texto. Nesse trajetória foram se constituindo aluno-texto-autor, num processo de aprendizado, como afirma Lagazzi - “o autor se constitui à medida que o texto se configura”. (2017, p.102), corroborada por Orlandi (2015, p. 74).

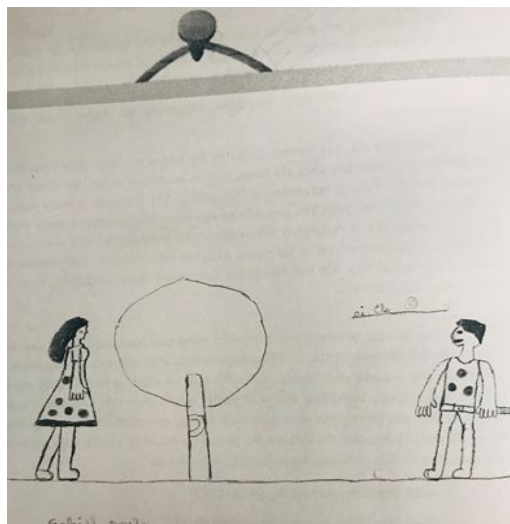
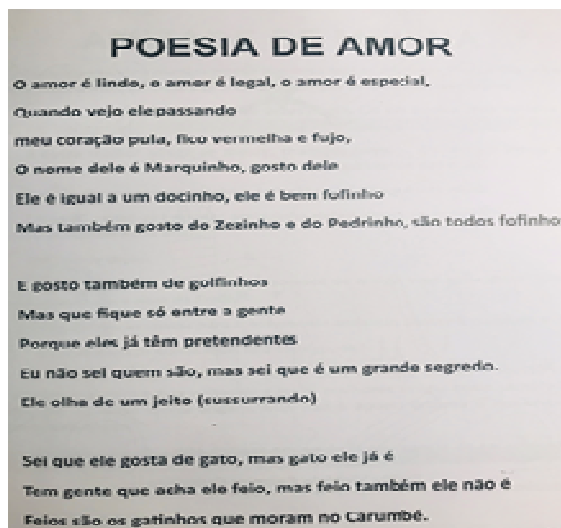
Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete a sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor. Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, ele “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. A esse processo chamei (E. Orlandi, 1988) assunção da autoria.”

Os textos produzidos foram digitados pelos próprios autores, evidenciando a experiência de outras maneiras de conceber a escrita, por meio de outros mecanismos possíveis, que não fosse a tinta da caneta.

No momento da tessitura dos textos, observamos um certo cerceamento dos ecos da memória, efeitos do discurso autoritário da/na escola - *O que devo escrever no meu texto? Será que posso escrever o que realmente quero escrever?*

A partir da produção dos textos, os alunos que não fizeram ou não quiseram ter seus textos publicados, significaram os textos dos colegas, por meio de ilustrações, refletindo sobre as possibilidades de enxergar o não-dito, mas que apesar de silenciado, significa.

Como materialização das atividades desenvolvidas, tomaremos para análise os textos *Poesia de amor*, escrito por uma aluna de 12 anos e a respectiva ilustração, produzida por um aluno, também de 12 anos.



Gesto de análise

Em *Poesia de amor*, a aluna divide o texto em 3 partes. Na primeira, ao mobilizar os nomes próprios no diminutivo – Marquinho, Zezinho, Pedrinho - bem como os adjetivos que qualificam os meninos - fofoinho, docinho -, produz o efeito metafórico, ao mesmo tempo que usa rimas - legal/especial, gente/preendente – proporcionando sonoridade ao texto. É importante dizer que ao utilizar a metaforização, a autora toma “uma palavra por outra. [...] Em princípio não há sentido sem metáfora” (ORLANDI, 2015, p.42).

Ao trabalhar o diminutivo na produção de seu texto, a aluna ultrapassa a classificação das categorias gramaticais, tecendo o sentido de afeto com maestria, atravessada pelas condições de produção que representam o lugar social de onde ela fala.

Nesse movimento da constituição de sentidos, “nós podemos considerar que não há sentido sem esta possibilidade de deslizamento, logo sem interpretação. [...], isto nos autoriza a dizer que a língua dá lugar à interpretação.” (ORLANDI, 2012, p.23).

No último verso *Feios são os gatinhos que moram no Carumbé*, interpelada pela historicidade e pela ideologia a autora se inscreve em uma formação discursiva, que determina que seu dizer seja X e não Y (ORLANDI 2015). Carumbé³ remete à falta, privação de liberdade do sujeito. Conforme Orlandi, (1998, p.07) “Isso mostra que o que decide não são as condições de produção imediatas, mas a incidência da memória, do interdiscurso. Aquilo que, da situação, significa [...] aquilo que já faz sentido em nós”.

As atividades de leitura e escrita com a linguagem verbal e não-verbal, nos leva a observar que a interpretação/produção do texto ilustração e os efeitos de sentidos produzidos são decorrentes do gesto de interpretação do verbal (poema da colega) por meio do desenho. Entretanto, estabelece outras relações, com outros textos e com as condições de produção do autor do texto ilustrado.

Aludimos, então, que “os sentidos produzidos pela escrita são desconstruídos e uma nova forma de organização da dispersão discursiva pode surgir a partir das determinadas condições de produção da leitura (Indursky2010)”, conforme Fernandes (2015, p.187). Assim, “Os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história.” (ORLANDI,2015, p.35).

Gesto de finalização

Para chegarmos aqui, percorremos um longo caminho de *escutas*, na produção de sentidos, na desconstrução do discurso pedagógico, no deslocamento de seus efeitos.

Certamente, esse movimento com a leitura - texto - gramática trouxe profundas implicações quanto ao conhecimento de língua, costumaz aos alunos e legitimado pela instituição escolar, como estrutura fechada e homogênea, e que deu lugar a uma língua que admite a falha, a falta, o furo, sustentados pela base teórica a que nos filiamos.

Na movência da produção de sentidos, os textos produzidos pelos alunos compuseram o livro **Os sentidos que há em mim**, como atividade de fechamento do projeto. Acreditamos que cada produção de texto é a materialidade constitutiva dos gestos de interpretação, porque representa, para/em nós, a manifestação única da prática de leitura de um sujeito.

Assim, ao mobilizar a leitura como prática discursiva imbricada aos “pilares do saber metalinguístico” (AUROUX, 2014), deslocamos a concepção de língua e, conseqüentemente, abrimos espaços para outras leituras, outras escritas, possibilitando ao sujeito-aluno *enxergar* a língua no mundo, como não transparente, com seus equívocos e falhas. Nesse processo, ao trabalhar a noção de diminutivo, ousamos movimentar os sentidos estabilizados na/pela instituição Escola, rompendo com o discurso pedagógico, *atando* língua, texto, leitura, gramática - caminhos possíveis de o sujeito-aluno se constituir autor de seus sentidos.

³ Penitenciária – Centro de Ressocialização de Cuiabá.

REFERÊNCIAS

- AROUX, Sylvain: *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014
- COSTA, Thaís de Araujo da. *Discurso gramatical brasileiro: permanências e rupturas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- DIAS, Luiz F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, Luiz F. A gramática e a compreensão do funcionamento da língua na escola, in: CASARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos (orgs). *Ensino e aprendizagem de línguas*. Coleção Linguagens. Ijuí: Editora Unijuí, 2007
- DIAS, Luiz F. Gramática na sala de aula: da lição gramatical ao fato discursivo. *Revista Vivência*, R. CCHLA/ UFRN v.12, n.1, p.113-120, jan./jun. 1998
- GRANTHAM, Marilei Resmini; CASEIRA, Ingrid Gonçalves (orgs). *Análise do Discurso e ensino: um olhar discursivo sobre a língua, a leitura e a interpretação*. Curitiba: CRV, 2011.
- FERNANDES, Carolina. Entre ver e o ler: gestos de leitura da materialidade visual implicando outros gestos de ensino, in: INDUSRKI, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN Solange (orgs.). *Análise do Discurso: dos fundamentos aos desdobramentos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.
- INDUSRKI, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, v. 3, n. 2, p. 181-187, jul. /dez. 2014.
- ORLANDI, Eni P./LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). Introdução às ciências da linguagem -*Discurso e Textualidade*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni P. (Org) *História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.
- ORLANDI, Eni P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Rua*, n. 4, p. 9 - 19, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 03 nov. 2019.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação; autoria, leitura, e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.